Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS
Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.008

Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

AS TEOLOGIAS DA LIBERTAÇÃO COMO TERMÔMETRO DA ATUAL CONDIÇÃO DO EVANGELICALISMO BRASILEIRO

Liberation Theologies as a Thermometer of the Current Condition of Brazilian Evangelicalism

Carlos Eduardo Brechani[1]

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar se é possível estabelecer uma relação entre o número de fiéis que aderem às teologias de Libertação com alguma deficiência no Cristianismo bíblico. Para tanto, inicialmente é apresentada a definição dessa teologia, expostas suas vertentes originárias e derivadas e, na sequência, alguns temas a ela relativos são expostos, a fim de contextualizar o assunto. A partir daí será o foco conduzido para a problemática levantada que, basicamente, reside na seguinte pergunta: seria o avanço das teologias de Libertação um termômetro de deficiência do Cristianismo autêntico? A análise é importante para que as igrejas possam sanar falha porventura existente, de modo a evitar que os fiéis se unam a credos que, no mais das vezes, subvertem a fé reformada. A análise também examina aspectos doutrinários que, na perspectiva adotada pelo autor, distinguem essas teologias da compreensão bíblica tradicional, bem como possíveis razões para a adesão de fiéis a tais correntes. Conclui-se que essa procura pode indicar fragilidades no evangelicalismo brasileiro, especialmente quanto à capacidade das igrejas de acolher as necessidades concretas das pessoas e relacionar a reflexão teológica à prática cristã.

Palavras-chave: Teologia da libertação. Teologia feminista. Teologia negra.

[1] Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade de Taubaté. Graduado em Direito pela Universidade de Taubaté. Promotor de Justiça no Ministério Público do Estado de São Paulo. ORCID. https://orcid.org/0009-0000-7624-9548. E-mail: cebrechani@hotmail.com

ABSTRACT

This article aims to analyze whether a relationship can be established between the number of believers who adhere to liberation theologies and possible shortcomings in biblical Christianity. To this end, it initially presents a definition of liberation theology and describes its original and derivative forms. It then discusses related themes in order to provide context for the subject. The focus subsequently shifts to the central research question: could the advancement of liberation theologies serve as an indicator of shortcomings in authentic Christianity? This analysis is important because it may help churches identify and address possible weaknesses, thereby preventing believers from joining religious movements that, in many cases, undermine the Reformed faith. The article also examines doctrinal aspects that, from the author's perspective, distinguish these theologies from traditional biblical Christianity, as well as possible reasons why believers adhere to these approaches. It concludes that this search may indicate weaknesses within Brazilian evangelicalism, particularly regarding the ability of churches to address people's concrete needs and connect theological reflection with Christian practice.

Keywords: Liberation theology. Feminist theology. Black theology.

INTRODUÇÃO

A Teologia da Libertação nasceu na década de 1960 como uma forma de reação à condição de pobreza e subdesenvolvimento dos povos sulamericanos, mas, em tempos mais modernos, acabou ganhando novas expressões como a Teologia Negra e a Teologia Feminista. Essas outras formas de enxergar o Cristianismo tradicional colocam-se frontalmente em oposição às Escrituras e, por isso, indaga-se por qual motivo os cristãos para elas migrariam. Com o presente artigo será possível desenvolver breve análise nesse sentido, com o objetivo precípuo de identificar se tal condição teria relação com alguma falha do evangelicalismo brasileiro. Ao final, após a conclusão, serão apresentadas, a título de considerações finais, sugestões atinentes ao tema.

Para desenvolver essa investigação, o artigo apresenta inicialmente a origem e as principais características das Teologias da Libertação, considerando também algumas de suas vertentes, como a Teologia Feminista e a Teologia Negra. Em seguida, examina aspectos doutrinários dessas correntes que, à luz dos pressupostos bíblico-teológicos adotados pelo autor, suscitam questionamentos quanto à sua compatibilidade com a fé cristã reformada. Por fim, discute possíveis razões para a adesão de fiéis a essas propostas, relacionando essa procura à atuação das igrejas evangélicas e à sua capacidade de responder às necessidades concretas de seus membros.

1. A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO EM SUA EXPRESSÃO ORIGINÁRIA

A primeira expressão da Teologia da Libertação surgiu na América Latina na década de 1960, na esteira de um concílio realizado pela Igreja Católica, o Concílio Vaticano II, em que houve a discussão do papel da igreja em um mundo então marcado por grandes mudanças políticas, sociais e culturais. Nessa época a América Latina enfrentava um agravamento da

pobreza da sua população, situação que contrastava com o crescimento econômico norte-americano experimentado no período pós-Segunda Guerra Mundial. As diferenças acentuaram-se, as desigualdades cresceram e o subsenvolvimento ganhou maior destaque. Nesse ambiente é que foi realizada a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano na cidade de Medelín, na Colômbia, em 1968, posteriormente conhecida como "Conferência de Medelín", onde vários aspectos político-econômicos foram abordados, como a condição de miserabilidade sulamericana.

A partir das bases teóricas estabelecidas pelo Concílio Vaticano II e dos apontamentos econômicos-sociais debatidos na Conferência de Medelín, vários teólogos, principalmente católicos, começaram a pregar uma nova visão teológica, em que a igreja deveria ser mais comprometida com a realidade social e agir mais ativamente em busca da alteração da condição marginalizada da população. No dizer de Aquino, a partir de então uma nova consciência surgia no ambiente teológico: "A pobreza generalizada, a marginalidade e o contexto histórico de dominação irrompeu agudamente na consciência coletiva e produziu uma virada histórica".[2]

A nova teologia, chamada de Teologia da Libertação, mudou radicalmente o método hermenêutico do Cristianismo tradicional. O mundo começou a ser observado não mais a partir da Bíblia para a realidade concreta, mas, inversamente, do mundo material para a Palavra revelada. A leitura da Revelação foi condicionada à condição concreta, não o contrário. Para que isso ocorresse, a nova metodologia empregada foi exatamente a mesma manuseada por Karl Marx quando desenvolveu sua teoria do Materialismo Histórico, para quem a história da humanidade seria explicada com base no dinamismo das relações sociais e das constantes alternações concretas que ocorrem na fenomenologia mundial. Trata-se da conhecida *práxis* marxista, mas manejada, agora, como instrumento e norte de ações eclesiais.

Gutiérrez teve algumas considerações sobre a *práxis*: "Refletir a partir da práxis histórica libertadora é refletir à luz do futuro em que em que se crê e se espera, é refletir com vistas a uma ação transformadora do presente".[3] Na mesma linha, Conn e Sturz ensinam que a "[...] práxis descreve o trânsito circular que sempre está havendo entre a ação e a reflexão – o engajamento no mundo em ação transformadora".[4] A importação da técnica marxista para a teologia fica bem evidenciada nas obras de Girardi, pois a luta de classes é utilizada como explicação para a pobreza: "Os privilegiados do sistema vigente tratam de defendê-lo, por isso não se pode destruir sem combatê-los. Nesta batalha um dos aspectos mais importantes é a luta de classes";[5] "É uma lei histórica também no sentido de que a luta de classes condiciona necessariamente outros aspectos da vida social, e, portanto, é um fator fundamental da evolução histórica".[6]

[2] AQUINO, 2018, p. 29.
[3] GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: perspectivas. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 27.
[4] CONN, Harvey; STURZ, Richard. **Teologia da Libertação**: suas raízes, seus proponentes e seu significado hoje em dia. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 112.
[5] GIRARDI, Jules. **Amor cristiano y lucha de clases**. 2.ed. Salamanca: Sígueme, 1975, p. 56, tradução nossa.
[6] GIRARDI, 1975, p. 84, tradução nossa.

Nesse novo viés interpretativo houve uma profunda transformação na igreja: a pobreza tornou-se o principal ponto de atenção dos teólogos. Nas palavras de Lanza e Guimarães: "Dessa forma, os teólogos da libertação privilegiam a classe trabalhadora, na escolha pelos pobres, percebendo neles as possibilidades de mudanças no continente latino-americano".[7] A teologia abandonou seu enfoque sobrenatural e idealista para assentar-se em uma luta concreta. Nas palavras de Galilea, um dos grandes sistematizadores dessa nova teologia, a Teologia da Libertação:

> [...] acentua uma das mais importantes e urgentes, se não a mais importante e urgente: a reflexão teológica sobre o sentido do compromisso da Igreja e de seus cristãos na justiça, na defesa da dignidade humana, na libertação dos pobres e oprimidos, em ordem à evangelização.[8]

A Teologia da Libertação persiste até os dias atuais no meio eclesial, mas apresenta, atualmente, algumas derivações, como será a seguir exposto.

2. A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO EM DUAS NOVAS EXPRESSÕES

O marxismo, tal como concebido por Karl Marx, entrou em crise. A melhoria das condições salariais do proletariado e sua consequente acomodação com a nova realidade era algo inimaginável para Marx e, por isso, deixou seus seguidores perplexos. Além disso, também colaborou para o desprestígio da teoria o fato de a população proletária, na Segunda Guerra Mundial, não ter se unido em um grupo para lutar contra os detentores dos meios de produção, mas, diversamente, ter composto grupos de nacionais para lutar contra os trabalhadores de outras nações.

Alcançado esse ponto decisivo, vários pensadores, em vez de reconhecerem a falência da doutrina, decidiram rever o marxismo em si, dando origem ao chamado Marxismo Revisionista. "Ao longo do tempo, os seguidores de Marx aprimoraram a teoria, porque as teses de Marx rapidamente se mostraram erradas".[9] Foi justamente essa revisão que abriu espaço para o surgimento da "Teoria Crítica" da Escola de Frankfurt, uma corrente que visitava as teorias de várias outras áreas do conhecimento – como psiquiatria, sociologia, antropologia – e os aplicava ao marxismo para tentar revitalizá-lo. Assim é que a condição de opressão migrou dos trabalhadores para as minorias e que os verdadeiros responsáveis pela revolução socialista seriam as minorias, não mais o proletariado.

Houve reflexos dessa nova visão também na área teológica. Gonçalves, por exemplo, disse que:

---

[7] LANZA, Fábio; GUIMARÃES, Luiz Ernesto. Religião, política e memória: estudo da teologia da libertação no protestantismo histórico em Londrina-PR na época da ditadura militar (1974- 1985). **Revista Esboços: histórias em contextos globais**, Santa Catarina, v. 24, n. 37, 2017, p. 149. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/ index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2017v24n37p149 Acesso em 23 ago 2023.

[8] GALILEA, Segundo. **Teologia da libertação**: ensaio de síntese. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 14.

[9] LOPEZ, Daniel; MELLO, Julius. **Manual de sobrevivência do cristão no séc. XXI**. Campinas: Vide Editorial, 2021, p. 27.

> Os novos pobres são os idosos, os dependentes químicos, os deficientes, os doentes marginalizados – os leprosos, os aidéticos, por exemplo – ou em função da economia ou em função do preconceito excludente. Evidencia-se a amplidão do conceito denominado de "pobreza", superando o determinismo econômico, político e social. Emerge, então, o clamor pela valorização da vida, pela compaixão com os sofredores e almeja-se a construção de uma lógica de inclusão que propicie a transformação do sistema de exclusão em um sistema de fraternidade como consequência da caridade, concretizada na misericórdia e na solidariedade.[10]

A Teologia da Libertação, a partir daí, derivou o seu foco não só para a libertação dos povos pobres, mas de todos os oprimidos por qualquer razão ou condição. Foi assim que novas teologias sugiram, como a Teologia Feminista e a Teologia Negra.

Acerca da Teologia Feminina, Hennelly, depois de estatuir que "uma rigorosa e puritana visão da sexualidade reinou na América Latina até as calamidades e convulsões da década de 1960"[11] e que "[...] uma igreja essencialmente masculina dominou a igreja, com uma ideologia patriarcal e um hábito de subordinação das mulheres"[12], apresentou a Teologia da Libertação Feminista Norte-Americana como um movimento contra o sexismo e como meio para libertação da mulher do machismo. O mesmo Hennelly pontua que: "Como vimos no curso dessa discussão, a teologia masculina parece ter sido corrompida pelo sexismo, patriarcalismo e androcentrismo".[13]

Gebara disse que:

> A busca de libertação abriu para nós mulheres teólogas horizontes inesperados e imprevisíveis. Não era apenas a libertação dos pobres como diziam os teólogos da libertação. Era a libertação de nossas identidades sexuais, de nossas relações cotidianas e a libertação da opressão social, política e religiosa imposta ao nosso sexo pela "natureza patriarcal".[14]

Interessante notar com as mesmas marcas da Teologia da Libertação originária fazem-se presentes na sua derivação. A Bíblia na ótica feminista, por exemplo, deve ser interpretada não mais a partir da Palavra revelada, mas da condição feminina oprimida em uma leitura do machismo estrutural a partir da *práxis*.

Acerca da Teologia Negra, não há como passar à parte de James Cone, seu maior representante. Com a mesma visão interpretativa da Teologia Feminista, porém voltada para o foco do racismo, Cone entendeu que os negros seriam os oprimidos carentes de libertação e, portanto, a "Teologia negra, então, é a história da luta da população negra por libertação em uma extrema situação de opressão".[15] Cone chega ao ponto de afirmar que Jesus veio à

[10] GONÇALVEZ, Paulo Sergio Lopes. A Relação entre a Fé Cristã e os Pobres na Teologia da Libertação. **Perspectiva Teológica**, *[S. l.]*, v. 43, n. 121, 2011. Disponível em: https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1480 Acesso em 22 ago 2023, p. 324.

[11] HENNELLY, Alfred. **Liberation theologies: the global pursuit of justice**. Mystic: Twenthy-third Publications, 1995, p. 42.

[12] HENNELLY, p. 1995, p. 43.

[13] HENNELLY, 1995, p. 57.

[14] GEBARA, Ivone. A Teologia da Libertação e as mulheres. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiás, v. 23, 2020. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/61023/35105 Acesso em 23 ago 2023.

[15] CONE, James H. **God of the oppressed**. New York: Seabury, 1975, p. 54.

Terra não para desfazer as obras do diabo, mas para libertar os pobres e desamparados: "Meu ponto é que Deus veio, e continua a vir, para aqueles que são pobres e desamparados, para o propósito de libertá-los".[16] Novamente, há uma mudança de rumos bíblicos, com nova visão cristológica, nova ótica da obra salvífica e nova definição de libertação.

A análise dessas duas expressões permite observar, conforme a interpretação desenvolvida neste estudo, que a Teologia da Libertação passou a abranger diferentes grupos e formas de opressão, mantendo como elemento central a busca por transformação da realidade social. Para o autor, essa ampliação também repercute na interpretação das Escrituras e em temas fundamentais da fé cristã. Por isso, o próximo passo consiste em examinar os aspectos teológicos que, na perspectiva adotada neste artigo, caracterizam essas correntes e as colocam em conflito com a compreensão bíblica tradicional.

3. OS ASPECTOS EXISTENTES EM TODAS AS TEOLOGIAS DA LIBERTAÇÃO QUE AS TORNAM ANTIBÍBLICAS

Embora tenha sido ventilado que algumas posturas das teologias da Libertação original e de suas derivações sejam frontalmente contrárias ao Cristianismo bíblico, é fundamental trazer mais atenção ao assunto para ser possível compreender como os dogmas centrais da fé bíblica foram alterados para que as Escrituras pudessem se adaptar à nova cosmovisão. Agora, era a Palavra revelada que deveria ceder lugar à interpretação pela *práxis*, não o contrário.

Em primeiro lugar, o pecado deixou de ser o resultado da queda de Adão e Eva do Éden e o produto de uma ação humana contrária aos mandamentos bíblicos para tornar-se a condição de exploração dos povos, nações e raças. Como assevera Gutiérrez:

> O pecado existe em estruturas opressoras, na exploração do homem pelo homem, na dominação na dominação e escravidão de povos, raças e classes sociais. Surge então o pecado como a alienação fundamental, como a raiz de uma situação de injustiça e exploração.[17]

Em segundo lugar, por conta da mudança da definição de pecado, a libertação do homem deixou de ser espiritual para tornar-se social, ou seja, a libertação das amarras opressoras da luta de classes: "Para os neomarxistas (Bloch, Garaudy, Marcuse, Adorno, etc.), a libertação é uma operação, como ensinou Marx, que diz respeito ao homem como ser social".[18] Boff disse expressamente que uma das falhas do Cristianismo de até então era que a conversão seria muito "individual":

> A conversão ficou demasiado centrada no coração e na pessoa considerada individualmente; não se tomou consciência do peso próprio das estruturas que já dependem das pessoas e podem oprimi-las, o que impõem também uma conversão para essas estruturas.[19]

[16] CONE, 1975, p. 137.
[17] GUTIÉRREZ, 1975, p. 153.
[18] MONDIN, Battista. **Os teólogos da libertação.** São Paulo: Paulinas, 1980, p. 23.
[19] BOFF, Leonardo. **Teologia do cativeiro e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 53.

Em terceiro lugar, a salvação, como consequência das alterações promovidas, também necessitou migrar da libertação do homem de sua condição original caída para a libertação da pobreza e miserabilidade humanas. Para Boff, a própria Teologia da Libertação: "[...] nasceu com o propósito de resposta aos desafios da sociedade oprimida e como contribuição própria, sob o enfoque da fé, ao processo maior de libertação que se articula em outros campos da vida do povo".[20]

Em quarto lugar, a nova definição do que é ser cristão impõe a retirada da conversão a Jesus Cristo do conceito.

> "Ele se situa num nível mais profundo, onde se dá a superação de fechamentos abolutizantes, onde se vive real sede de justiça e de participação, onde se corporifica um engajamento como momento materializador da abertura para o futuro e do processo de libertação, onde pela causa dos outros vigora a coragem de ser que leva ao sacrifício da própria segurança, da própria saúde e, quem sabe, da própria vida. Ora, onde isso ocorre, podemos identificar a presença do que é cristão.[21]

Como se nota, a própria cristologia transmudou-se, pois "A cristologia latino-americana se construirá em torno do tema libertação".[22] O novo homem não é mais o justificado e regenerado por Cristo, o renascido do espírito, mas aquele que altera a condição oprimida da população explorada oprimida. Por isso, "[...] cumpre ter presente que, além disso, ou melhor, através da luta contra a miséria, a injustiça e a exploração, o que se pretende é a criação de um homem novo".[23]

Em quinto lugar, e por fim, Guimarães lembra que a visão de missão ganha novos ares:

> Finalmente, destacamos a utilização do termo "evangelização" para significar o esforço humano para a libertação política, enfraquecendo seu sentido bíblico original, que é o de "fazer discípulos" de Jesus Cristo (Mt 28.19-20), pela proclamação das "boas-novas de salvação"; ainda estando o homem perdido, levá-lo a um encontro pessoal com Jesus Cristo, à aceitação de Cristo, como Salvador e Senhor de sua vida, à conversão ou novo nascimento, e, pelo ensino da sabedoria do alto, revelada na Palavra de Deus, levá-lo à maturidade cristã ou à plena encarnação do próprio Cristo (Cl 1.28).[24]

As mudanças são tão profundas, tão radicais e, por isso, tão antibíblicas que, ao tratar da Teologia da Libertação Feminista, Hennelly questiona até mesmo se Jesus realmente seria salvador: "Pode um salvador homem salvar mulheres?".[25] Uma nova cristologia é objetivada, com base em uma lente feminista: "[...] devem as mulheres abandonarem Jesus e procurarem por um novo caminho de redenção na forma feminina?".[26]

[20] BOFF, 1980, p.29-30.
[21] BOFF, 1980, p. 81-82.
[22] SOUZA, Nei D. **Temas de teologia latino-americana.** São Paulo: Bookwire; Paulinas. Disponível em https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/199805?page=68 Acesso em 22 ago 2023, p. 68.
[23] GUTIÉRREZ, 1975, p. 123.
[24] GUIMARÃES, Daniel. **Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: JUERP, 1984, p. 180.
[25] HENNELLY, 1995, p. 60.
[26] HENNELLY, 1995, p. 61.

Os aspectos examinados nesta seção evidenciam que a crítica desenvolvida pelo artigo não se limita às formas de atuação social das teologias da Libertação, mas alcança sua compreensão do pecado, da salvação, da pessoa de Cristo e da missão da Igreja. A partir dos pressupostos bíblico-teológicos assumidos pelo autor, essas diferenças ajudam a explicar sua avaliação crítica dessas correntes. Resta, entretanto, compreender por que tais propostas atraem fiéis e encontram espaço em determinados contextos eclesiais, questão que orienta a próxima seção.

4. POR QUE OS FIÉIS BUSCAM ESSAS NOVAS TEOLOGIAS?

Com base nas considerações até aqui apresentadas, uma pergunta inevitável se apresenta: se as teologias da Libertação são contrárias à tradição cristã, por que muitos fiéis por elas buscam? Há inúmeras respostas possíveis, desde o absoluto desconhecimento da Bíblia até um engajamento ideológico com pautas políticas superior ao comprometimento com a fé genuína. Allen arrisca uma conclusão pessoal ao dizer que há um verdadeiro declínio da cosmovisão bíblica: "Hoje, porém, quando a Bíblia e a cosmovisão bíblica estão em rápido declínio, a justiça social ideológica tem preenchido o vácuo".[27]

As causas, porém, não podem ser resumidas em um ou outro ponto, pois elas são multifacetárias. Como não há meios de se esgotar todas as respostas possíveis – e nenhuma pretensão jamais haveria nesse sentido – o ponto principal que se quer trazer à tona é a aparente falta de concretude da Teologia tradicional, no sentido de que ela não alcança muitos grupos sociais carentes. Barros fala que a igreja deve ser fazer presente "[...] num mundo em que as instituições religiosas perderam a credibilidade e a fé no Evangelho não tem mais o suporte de um fundo religioso comum a todos [...].[28]

Toda vez que um vácuo é criado, uma nova organização ganha espaço e toma a atenção. É o que ocorre nas comunidades em que o Estado não chega: grupos locais ganham a simpatia da população em troca de favores variados. Um outro exemplo é a migração dos pobres que, por não se sentirem acolhidos pela Teologia tradicional, buscam a Teologia da Prosperidade como apoio para suas angústias.

Na raiz de todas as teologias da Libertação está a preocupação com grupos que não são acolhidos pela sociedade como um todo, inclusive a igreja. Por isso Boff questionava o que poderia ser feito nesse sentido: "Que passos efetuar para transformar a realidade na qual existem muitos oprimidos e poucos ricos, e que mediações procurar para criar uma forma de convivência diferente, mas igualitária, livre e fraterna?"[29]

As pessoas querem respostas concretas para seus problemas, soluções para as condições em que se encontram atualmente: "A teologia da libertação nasceu com o propósito de resposta aos desafios da sociedade oprimida e como contribuição própria, sob o

[27] ALLEN, Scott David. **Por que a justiça social não é a justiça bíblica**: um apelo urgente aos cristãos em tempos de crise social. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 20.

[28] BARROS, Marcelo. **Teologia da Libertação para os nossos dias**. Petrópolis: Bookwire; Vozes, 2021, p. 286 Disponível em: https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/206929?page=1. Acesso em: 22 Ago 2023.

[29] BOFF, 1980, p. 44.

enfoque da fé, ao processo maior de libertação [...]".[30] Conn e Sturz seguem essa lógica quando afirmam que: "A desumanização é o mútuo contexto que liga os protestos latino-americanos e negros em um só".[31]

Só é possível fazer teologia verdadeiramente quando se olha concretamente para a realidade atual e quando são envidados esforços para mudar a vida das pessoas. Não adianta estabelecer um foco exclusivo em teorias que não são transformadoras. Muitos teólogos atuais concentram sua atenção apenas nas letras e abandonam a prática, fazendo com que tenham uma visão muito superficial da realidade, conclusão bem apontada por Horton: "Um dos problemas que nós, cristãos, criamos nessa questão de analisar e criticar a nossa cultura, é sempre olhar para a superfície das coisas".[32] Vale lembrar que Jesus não determinou que os discípulos apenas guardassem todos seus ensinamentos, mas, também que fizessem discípulos de todas as nações, algo que envolve um agir concreto, não meramente teórico (Mt 28.19-20). Conforme ensina Schaeffer:

> Assim, o cristão não deve preocupar-se em somente apresentar um sistema perfeitamente harmônico consigo mesmo, como algum sistema metafísico grego, mas antes alguma coisa que tem contato constante com a realidade – a realidade das questões que estão sendo feitas em sua própria geração, bem como nas gerações vindouras.[33]

O apontamento feito por Ferreira e Myatt, logo na introdução de sua obra, é perfeito sobre o papel da Teologia:

> Cremos com convicção que o teólogo existe para servir o povo comum das igrejas. Se o seu trabalho não servir para ajudar este povo a conhecer ao Senhor mais profundamente e experimentar uma vida de santidade e intimidade com Deus, então sua teologia não passa de uma grande farsa, a despeito de quaisquer prêmios acadêmicos que ele possa ganhar. Se a teologia não levar o povo a se aproximar mais de Deus, será melhor que o teólogo procure outra coisa com que se ocupar e deixe de perder tempo fazendo um trabalho que é inútil.[34]

A vida humana deve ser valorizada em todas as suas manifestações, independentemente de condição financeira, social ou étnica. A cosmovisão bíblica deve necessariamente abranger a desumanização das pessoas oprimidas, em busca da garantia de dignidade, pois todos os seres humanos foram feitos à imagem e semelhança de Deus.

> Para se posicionar contra a desvalorização atual da vida humana, uma porcentagem significativa de pessoas de nossa sociedade precisa adotar e

[30] BOFF, 1980, p. 29-30.
[31] CONN; STURZ, 1984, p. 20.
[32] HORTON, Michael Scott. **O cristão e a cultura**: uma perspectiva cristã da cultura e de nosso lugar nela. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 141.
[33] SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que intervém**: o abandono da verdade e as trágicas consequências para nossa cultura. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 177.
[34] FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. XXI-XXII.

> viver a cosmovisão que não só se espera, ou pretende, fornecer a base da dignidade humana, mas que realmente o faça.[35]

Isso não significa que os dogmas bíblicos precisem ser alterados, como foi feito pelas teologias da Libertação. Aí é que residem suas principais falhas. O que é necessário é apenas que haja uma adaptação para maior acolhimento e inclusão daqueles que realmente carecem da graça e consolo divinos. “Precisamos, enfim, nos adaptar, criar as pontes, porque somos luz para este mundo, pescadores de homens”.[36]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, é possível estabelecer que as propostas postas no início desse estudo foram cumpridas. Houve a apresentação da Teologia da Prosperidade em sua ótica tradicional e, na sequência, de duas de suas variantes. Após, foi possível adentrar no problema que se pretendia enfrentar com o presente artigo. E, diante desse problema posto, foi possível inferir que muitos cristãos migram para as teologias da Libertação porque, nelas, encontram um acolhimento e uma compreensão das suas angústias que passam despercebidas por muitas igrejas tradicionais.

O fato de tais teologias terem crescido e de, até hoje, ser possível identificar um fluxo migratório em direção a elas, revela que há uma deficiência no evangelicalismo brasileiro que precisa ser corrigida. A igreja precisar despertar a consciência de que teologia não se faz apenas com teoria, mas também com ações práticas que transformam a vida das pessoas.

Os pastores, líderes e cristãos em geral devem se atentar para as fragilidades e necessidades de cada pessoa, individualmente, pois todas foram feitas à imagem e semelhança de Deus. O Evangelho não é abstrato, mas concreto, com vistas à transformação integral do ser humano. Não há como desconsiderar tal, sob pena de se relegar a verdadeira teologia para o limbo.

As dificuldades que existem nessa conscientização não devem desanimar a igreja, pois, como bem lembra Barros, “em todos os campos do conhecimento, os desafios nos fazem crescer e os melhores são aqueles que não são inventados. Decorrem da própria caminhada e da realidade a ser enfrentada”.[37] Há, certamente, muitas outras causas que explicariam a migração das pessoas para as teologias da Libertação. Há, ainda, uma presença muito clara dessa nova linha metodológica na chamada Teologia da Missão Integral, cujo viés é mais protestante do que católico. Esses temas não foram abordados no presente estudo pelas limitações típicas de um artigo, onde não é possível analisar toda a realidade que envolve um assunto. Fica, porém, a sugestão de um estudo mais detido sobre estes aspectos.

[35] KOOP, C. Everett; SCHAEFFER, Francis. A. **O que aconteceu com a raça humana?** Brasília: Monergismo, 2020, 2020, p. 147.
[36] LOPEZ, Daniel; MELLO, Julius. **Manual de sobrevivência do cristão no séc. XXI**. Campinas: Vide Editorial, 2021. p. 241.
[37] BARROS, 2009, p. 114.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Scott David. **Por que a justiça social não é a justiça bíblica**: um apelo urgente aos cristãos em tempos de crise social. São Paulo: Vida Nova, 2022.

BARROS, Marcelo. **Teologia da Libertação para os nossos dias**. Petrópolis: Bookwire; Vozes, 2021. Disponível em: https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/206929?page=1. Acesso em: 22 Ago 2023.

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativeiro e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1980.

CONE, James H. **God of the oppressed**. New York: Seabury, 1975.

CONN, Harvey; STURZ, Richard. **Teologia da Libertação**: suas raízes, seus proponentes e seu significado hoje em dia. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GALILEA, Segundo. **Teologia da Libertação**: ensaio de síntese. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

GEBARA, Ivone. A Teologia da Libertação e as mulheres. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiás, v. 23, 2020. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/61023/35105 Acesso em 23 ago 2023.

GIRARDI, Jules. **Amor cristiano y lucha de clases**. 2.ed. Salamanca: Sígueme, 1975.

GONÇALVEZ, Paulo Sergio Lopes. A Relação entre a Fé Cristã e os Pobres na Teologia da Libertação. **Perspectiva Teológica**, *[S. l.]*, v. 43, n. 121, 2011. Disponível em: https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1480 Acesso em 22 ago 2023.

GUIMARÃES, Daniel. **Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: JUERP, 1984.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: perspectivas. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

HENNELLY, Alfred. **Liberation theologies: the global pursuit of justice**. Mystic: Twenthy-third Publications, 1995.

HORTON, Michael Scott. **O cristão e a cultura**: uma perspectiva cristã da cultura e de nosso lugar nela. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

KOOP, C. Everett; SCHAEFFER, Francis. A. **O que aconteceu com a raça humana?** Brasília: Monergismo, 2020.

LANZA, Fábio; GUIMARÃES, Luiz Ernesto. Religião, política e memória: estudo da teologia da libertação no protestantismo histórico em Londrina-PR na época da ditadura militar (1974-1985). **Revista Esboços: histórias em contextos globais**, Santa Catarina, v. 24, n. 37, 2017.

Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2017v24n37p149 Acesso em 23 ago 2023.

LOPEZ, Daniel; MELLO, Julius. **Manual de sobrevivência do cristão no séc. XXI**. Campinas: Vide Editorial, 2021.

MONDIN, Battista. **Os teólogos da libertação.** São Paulo: Paulinas, 1980.

SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que intervém**: o abandono da verdade e as trágicas consequências para nossa cultura. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

SOUZA, Nei D. **Temas de teologia latino-americana.** São Paulo: Bookwire; Paulinas. Disponível em https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/199805?page=68 Acesso em 22 ago 2023.